

## **A INFLUÊNCIA DO DARWINISMO NO ESTUDO DAS RELIGIÕES<sup>1</sup>**

### ***THE INFLUENCE OF DARWINISM ON THE STUDY OF RELIGIONS***

### ***LA INFLUENCIA DEL DARWINISMO EN EL ESTUDIO DE LAS RELIGIONES***

**Jane Ellen Harrison\***

Universidade de Cambridge.  
Newnham College.  
Cottingham, Reino Unido.

**Brasil Fernandes de Barros\*\***

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.  
Belo Horizonte, MG, Brasil.  
E-mail: [brasil@netinfor.com.br](mailto:brasil@netinfor.com.br)  
ORCID: [0000-0002-5285-4871](https://orcid.org/0000-0002-5285-4871)

O título deste artigo poderia muito bem ter sido “a criação, pelo darwinismo, do estudo científico das religiões”, mas eu temia manchar o meu tributo a um grande nome com qualquer sombra de exagero. Antes da publicação de *A Origem das Espécies* e *A Descendência do Homem*, mesmo no século XVIII, pensadores isolados, notadamente Hume e Herder, haviam conjecturado que as crenças ortodoxas de seus próprios dias eram desenvolvimentos das superstições mais cruéis do passado. No entanto, essas eram apenas especulações específicas de alguns céticos. A religião ainda não era considerada, de modo geral, como um assunto adequado para o estudo científico, havendo ainda fatos a serem coletados e teorias a serem deduzidas. Um Congresso de Religiões, como o que foi realizado recentemente em Oxford, teria sido um ato de impiedade.

Neste curto espaço que me foi concedido, posso fazer apenas duas coisas: primeiro, e

---

<sup>1</sup> Título Original: *The Influence of Darwinism on the Study of Religions*. Texto publicado originalmente como capítulo do livro *Darwin and Modern Science: Essays in Commemoration of the Centenary of the Birth of Charles Darwin and of the Fiftieth Anniversary of the Publication of The Origin of Species* pela Cambridge University Press no ano de 1909. Texto de domínio público de acordo com a Convenção de Berna. Decreto No 75.699, de 6 de maio de 1975.

\*Doutora Honoris Causa em Letras pela Universidade de Durham.

\*\* Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

de forma muito breve, tentarei indicar a atitude normal em relação à religião no início do século passado; segundo, e de forma mais detalhada, buscarei deixar claro qual é a perspectiva dos pensadores mais experientes da atualidade<sup>2</sup>. A partir dessa segunda investigação, espero que fique bem claro que foi a doutrina da evolução que tornou essa perspectiva possível e até mesmo necessária.

O pressuposto definitivo e incontestável com relação à religião era de que ela fosse uma *doutrina*, um conjunto de alegadas verdades. Era, com efeito, o que hoje chamamos de Teologia e o que os antigos chamavam de Mitologia. O ritual quase não era considerado e, quando considerado, era tido como uma forma na qual as crenças, já definidas e fixadas como dogma, encontravam um modo natural de expressão. Isso, como veremos mais adiante, é um grave erro, ou melhor, uma meia-verdade muito equivocada. Credos, doutrinas, teologia e coisas do gênero são apenas uma parte e, a princípio, a parte menos importante da religião.

Além disso, esse *dogma* é importante, pois se supunha ser o conteúdo essencial da “verdadeira” religião, era um esquema teleológico completo e inalterável, que havia sido revelado ao homem de uma vez por todas por um Deus altamente antropomórfico, cuja existência era presumida. O dever do homem em relação a essa revelação era o de aceitar suas doutrinas e obedecer a seus preceitos. A noção de que essa revelação havia crescido pouco a pouco a partir da consciência do homem e que sua tarefa era aprimorá-la teria parecido uma blasfêmia. A religião, assim concebida, não deixava espaço para o desenvolvimento. A “Verdade” podia ser apreendida, mas nunca examinada criticamente; sendo assim declaradamente plena e definitiva, estava fadada à estagnação.

Os detalhes dessa suposta revelação parecem ingênuos demais para serem enumerados. Como Hume observou, “a teologia popular tem um grande apetite pelo absurdo”. Basta lembrar que a “revelação” incluía itens como a Criação<sup>3</sup> do mundo do nada em seis dias; a criação de Eva a partir de uma das costelas de Adão; a Tentação por uma serpente falante; a confusão de línguas na torre de Babel; a doutrina do Pecado Original; um esquema de salvação que exigia o Nascimento Virginal, a Expição Vicária e a Ressurreição do corpo material. Esse esquema foi desdobrado em um livro infalível ou, para um grupo de cristãos, guardado pela tradição de uma Igreja infalível, e a aceitação ou recusa desse

---

<sup>2</sup> Para ser precisa, devo acrescentar “na Europa”. Conscientemente, omito de minhas considerações de todo o imenso campo da mística oriental, porque ele permaneceu praticamente intocado pela influência do darwinismo.

<sup>3</sup> É interessante notar que a própria palavra “Criador”, hoje em dia, quase passou para a região da mitologia. Em vez disso, temos L'Evolution Creatrice. NT. Evolução Criadora em Francês.

esquema implicava uma eternidade de bem ou mal. Não há uma única dessas doutrinas que não tenha sido reformulada, suavizada, mistificada, transformada em alegoria para algo mais palatável com o pensamento moderno. É difícil para a geração atual, a menos que sua criação tenha sido singularmente arcaica, perceber que essas doutrinas surpreendentes eram literalmente mantidas e creditadas como a própria essência da religião; colocá-las em dúvida era uma delinquência moral.

No entanto, não passou despercebido aos viajantes e missionários que os povos nativos adotavam algum tipo de prática que parecia ser religiosa e acreditavam em algum tipo de espírito ou demônio. Portanto, além dos limites iluminados pela verdade revelada, uma vasta região foi atribuída à *Religião Natural*. A revelação original havia sido mantida intacta apenas por um povo escolhido, os judeus, para ser transmitida ao cristianismo. Fora das fronteiras de Gósen, o mundo havia se afundado nas trevas do Egito. Quando se observavam analogias entre os cultos primitivos e as religiões cristãs, elas eram explicadas como degradações; os pagãos haviam, de alguma forma, voluntariamente “perdido a luz”. Nossa tarefa não era estudar, mas exclusivamente convertê-los, erradicar a superstição e levar a tocha da revelação às “almas que jazem nas trevas pagãs”. Para nós, hoje em dia, é um lugar-comum da pesquisa antropológica que devemos procurar os primórdios da religião nas religiões dos povos primitivos, mas no século passado a mente ortodoxa estava convencida de que possuía uma revelação completa e luminosa pronta para ser usada; o estudo do que era considerado uma mera degradação parecia inútil e supérfluo.

Mas, pode-se perguntar: se, para os ortodoxos, a religião revelada era sacrossanta e a religião dos primitivos era algo abaixo de qualquer consideração, por que os cétricos não demonstraram um espírito mais liberal e não levaram até o fim as conjecturas que haviam aventado individualmente? A razão é simples e significativa. Os cétricos também não haviam se libertado da pressuposição de que a essência da religião é o dogma. Seu intelectualismo, expressivo de todo o século XVIII, foi provavelmente fortalecido na Inglaterra pela doutrina protestante de um Livro infalível. Hume, sem dúvida, confundiu religião com teologia dogmática. A atenção de ortodoxos e cétricos estava voltada para a verdade ou falsidade de certas proposições. Apenas algumas mentes de rara qualidade foram capazes de conceber minimamente que a religião poderia ser um passo necessário na evolução do pensamento humano.

É muito interessante observar que Darwin, foi um líder e o maior intelectual de sua geração, e seu filho também foi até certo ponto, nessa questão. Sua atitude em relação à

religião é declarada claramente no capítulo VIII de seu livro *Life and Letters*<sup>4</sup>. A bordo do *Beagle*, ele era simplesmente ortodoxo e foi ridicularizado por vários oficiais por citar a Bíblia como uma autoridade incontestável em algum ponto da moralidade. Em 1839, ele percebeu que o Antigo Testamento não era mais confiável do que os livros sagrados dos hindus. Em seguida, veio a crença em milagres e, em seguida, o “argumento do design” de Paley se desfez diante da lei da seleção natural; o sofrimento tão manifesto na natureza é visto como compatível mais com a seleção natural do que com a bondade e a onipotência de Deus. Darwin sentiu plenamente toda a ignorância que se escondia sob frases capciosas como “o plano da criação” e “unidade de projeto”. Finalmente, ele nos diz que “o mistério do início de todas as coisas é insolúvel para nós; e eu, por exemplo, devo me contentar em permanecer um agnóstico”.

A palavra Agnóstico é significativa não apenas em relação à sua modéstia, mas também em relação à mentalidade de sua época. A religião, como fica claro, ainda é concebida como algo a ser *conhecido*, uma questão de *opinião* verdadeira ou falsa. A religião ortodoxa para Darwin se constituía de uma série de hipóteses errôneas a serem descartadas pouco a pouco quando se mostrassem insustentáveis. Os *atos* religiosos que podem resultar de tais convicções, ou seja, a devoção em todas as suas formas, a oração, o louvor e os sacramentos, não são mencionados. Está claro que eles não são, como agora para nós, remanescentes sociológicos de grande interesse e importância, mas sim assuntos muito particulares, muito pessoais, para serem discutidos.

Huxley, escrevendo na revista *Contemporary Review*<sup>5</sup>, diz: “Em uma dúzia de anos, *A Origem das Espécies* operou uma revolução tão completa na ciência biológica quanto os *Principia* fizeram na astronomia”. Isso aconteceu porque, nas palavras de Helmholtz, ela continha “um pensamento criativo essencialmente novo”, o da continuidade da vida, a ausência de rupturas. Nas duas disciplinas mais conservadoras, Religião e Clássicos, esse fermento criativo demorou a funcionar. O próprio Darwin tinha a forte convicção de que “um homem não deve fazer publicações sobre um assunto sobre o qual não tenha refletido de forma especial e contínua” e, por isso, escreveu pouco sobre religião e com manifesta relutância, embora, como já foi visto, em resposta a uma pergunta frequente, ele tenha apresentado um esboço de seus próprios pontos de vista. Mas, mesmo assim, ele previu que sua doutrina deveria ter, para a história da evolução mental do ser humano, questões mais amplas do que aquelas com as quais ele estava preparado para lidar pessoalmente. Ele

---

<sup>4</sup> Vol. I. p. 304. Sobre as visões religiosas de Darwin, veja também *Descent of Man*, 1871, Vol. i. p. 65; 2nd edit. Vol. I. p. 142.

<sup>5</sup> 1871.

escreveu, em *A origem das Espécies (The Origin of Species)*<sup>6</sup>, “No futuro, vejo campos abertos para pesquisas muito mais importantes. A psicologia será baseada com segurança no fundamento já bem estabelecido pelo Sr. Herbert Spencer, o da necessária aquisição de cada poder e capacidade mental por gradação.”

Em nenhum lugar, é verdade, Darwin diz definitivamente que considerava a religião como um conjunto de fenômenos, cujo desenvolvimento pode ser estudado do ponto de vista psicológico. Em vez disso, inferimos de sua *devoção* - no belo sentido romano - em relação à tradição e à associação, que a religião era para ele de alguma forma sagrada. Mas é encantador ver como seu coração se voltou para o novo método de estudo religioso que ele mesmo, ainda que de forma meio inconsciente, inaugurou. Escrevendo em 1871 para o Dr. Tylor, na publicação de *Primitive Culture*, ele diz<sup>7</sup>: “É maravilhoso como você traça o animismo das raças inferiores até a crença religiosa das raças mais elevadas. Isso me fará, no futuro, olhar para a religião - a crença na alma, etc. - de um novo ponto de vista”.

Doravante, a psicologia deveria basear-se na “aquisição necessária de cada capacidade mental por gradação”. Com essas palavras memoráveis, a porta se fecha para o antigo e se abre para o novo horizonte. O foco mental, a partir de agora, não está na manutenção ou refutação de uma ortodoxia, mas na gênese e na evolução de uma capacidade, não na perfeição, mas no processo. A evolução contínua não deixa espaço para uma revelação súbita e completa. A partir de agora, temos de perguntar, não quando a religião foi revelada ou qual foi a revelação, mas como os fenômenos religiosos surgiram e se desenvolveram. Para obter uma resposta a isso, voltamos com olhar novo e reverente para estudar “o pagão em sua cegueira” e a criança “nascida em pecado”. De fato, ainda enviamos missionários para converter os pagãos, mas aqui, pelo menos em Cambridge, antes de começarem, eles assistem a palestras sobre antropologia e religião comparada. A teoria da “decadência” está morta e deve ser enterrada.

O estudo das religiões primitivas tornou-se possível e até mesmo inevitável a partir da teoria da evolução. Agora temos de perguntar, que novos fatos e teorias resultaram desse estudo. Isso nos leva ao nosso segundo ponto, a perspectiva avançada da religião nos dias de hoje.

O ponto de vista que estou prestes a expor não é uma mera opinião pessoal. Para chegar ao meu atual ponto de vista, fui conduzida pelas investigações de mestres como os Drs. Wundt, Lehmann, Preuss, Bergsen, Beck e, em nosso próprio país, os Drs. Tylor e

<sup>6</sup> 6ª edição, p. 428.

<sup>7</sup> *Life and Letters*, Vol. in. p. 151. D.

Frazer<sup>8</sup>.

A religião sempre envolve dois fatores. Primeiro, um fator teórico, no qual um ser humano *pensa* sobre o invisível - sua teologia ou, se preferirmos chamá-la assim, sua mitologia. Segundo, o que ele *faz* em relação a esse desconhecido - seu ritual. Esses fatores dificilmente ou quase nunca ocorrem em completa separação; eles são misturados em proporções muito variadas. No século passado, a religião, como vimos, era considerada principalmente em seu aspecto teórico, como uma doutrina. A religião grega, por exemplo, era para a maioria das pessoas instruídas sinônimo de mitologia grega. No entanto, mesmo um exame superficial mostra que nem os gregos nem os romanos tinham qualquer credo ou dogma, qualquer formulação rígida e rápida de crença. Somente nos Mistérios Gregos<sup>9</sup> encontramos o que deveríamos chamar de *Confiteor*; e isso não é uma confissão de fé, mas uma declaração de ritos realizados. Quando a religião dos povos primitivos foi examinada, percebeu-se rapidamente que, embora houvessem crenças vagas, os credos definidos praticamente não existiam. O ritual era predominante e imperativo.

Essa predominância e prioridade do ritual sobre um credo específico foi notado pela primeira vez pelo estudo dos selvagens, mas logo deu as mãos à psicologia moderna. A crença popular diz: “Penso, logo, faço”; a psicologia científica moderna diz: “Faço (ou melhor, reajo a estímulos externos), logo, passo a pensar”. Assim, inicia-se uma série recorrente: o ato e o pensamento tornam-se, por sua vez, estímulos para novos atos e pensamentos. Ao examinar a religião como é vista atualmente, seria, portanto, mais correto começar com a prática da religião, ou seja, o ritual, e depois passar para sua teoria, teologia ou mitologia. Mas seria mais conveniente adotar o método inverso. Para nós, protestantes, o conteúdo teórico da religião é muito mais familiar e, portanto, partiremos do conhecido para o comparativamente desconhecido.

Procurarei evitar qualquer tentativa de definição rígida. O problema que o pesquisador moderno enfrenta não é determinar a essência e a definição da religião, mas indagar como surgiram os fenômenos religiosos, as ideias e as práticas religiosas. Agora, o conteúdo teórico da religião, o domínio da teologia ou mitologia, é amplamente familiar a todos. O mundo do invisível, do suprassensível; é o mundo do que chamamos de alma e dos supostos objetos da percepção da alma, espíritos, demônios, fantasmas e deuses. Como esse

---

<sup>8</sup> Posso citar aqui apenas os livros que influenciaram especialmente meus próprios pontos de vista. São eles: W. Wundt, *Volherpsychologie*, Leipzig, 1900. P. Beck, “Die Nachahmung”, Leipzig, 1904, e “Erkenntnisstheorie des primitiven Denkens” em *Zeitschrift f. Philos. mid Philox. Kritik*, 1903, p. 172, e 1904, p.

<sup>9</sup> Veja meu *Prolegomena to the Study of Greek Religion*, p. 155, Cambridge, 1903.

mundo surgiu?

Recorramos aos nossos selvagens. Os sábios missionários de outrora costumavam fazer perguntas aos selvagens como estas: Se eles acreditavam em Deus? Se acreditavam na imortalidade da alma? Tomando suas próprias concepções claras, discriminadas por uma terminologia desenvolvida, esses missionários tentaram traduzi-las para idiomas que não tinham nem as palavras nem os pensamentos, apenas um substrato vago, incipiente e confuso, dos quais esses pensamentos e palavras se diferenciaram mais tarde. Examinemos esse substrato.

Atualmente, fazemos uma distinção comum entre o que é objetivo e subjetivo; além disso, consideramos os dois mundos como sendo, de certa forma, opostos. Geralmente atribuímos ao mundo objetivo alguma realidade independente da consciência, enquanto pensamos no subjetivo como dependente da mente para sua existência. O mundo objetivo consiste em coisas perceptíveis ou nos constituintes finais aos quais a matéria é reduzida pela especulação física. O mundo subjetivo é o mundo das crenças, alucinações, sonhos, ideias abstratas, imaginações e coisas do gênero. É claro que a psicologia sabe que os mundos objetivo e subjetivo são interdependentes, inextricavelmente interligados, mas, para fins práticos, a distinção é conveniente.

Mas o ser humano primitivo ainda não havia feito essa distinção entre objetivo e subjetivo. Além disso, ela é estranha a quase toda a filosofia antiga. As Ideias de Platão<sup>10</sup>, sua Bondade, Verdade, Beleza, seus nomes de classe, cavalo, mesa, são, é verdade, desmaterializadas na medida do possível, mas elas têm existência externa, além da mente do pensador, elas têm, de alguma forma, uma extensão espacial obscura. No entanto, tanto as filosofias antigas quanto o ser humano primitivo precisavam e possuíam, para fins práticos, uma distinção que servia tão bem quanto o subjetivo e o objetivo. Para o selvagem primitivo, todos os seus pensamentos, todos os objetos dos quais ele tinha consciência, seja por percepção ou concepção, eram reais, ou seja, tinham existência fora dele, mas podiam ser uma realidade de vários tipos ou graus diferentes.

Não é difícil ver como isso acontece. Os sentidos de uma pessoa podem enganá-la. Ela vê o reflexo de um pássaro em um lago e, aos seus olhos, é um pássaro de verdade. Mas ao *tentar tocá-lo* percebe que de fato não é um pássaro. É por assim dizer real, mas certamente não tão real quanto um pássaro que pode ser tocado. Mais uma vez, essa pessoa vê a fumaça, ela é real para seus olhos. Ela tenta agarrá-la, mas ela se dissipa. O vento a toca, mas não

---

<sup>10</sup> Devo essa análise psicológica dos elementos do mundo supersensual primitivo principalmente ao Dr. Beck, "Erkenntnisstheorie des primitiven Denkens", ver p. 498, nota 1.

consegue vê-lo, o que lhe causa uma sensação estranha. As coisas mais reais, são aquelas que afetam a maioria dos nossos sentidos e, especialmente, o que afeta o tato. Aparentemente, o tato é o mais profundo, o mais primitivo dos sentidos. Os demais são especializações e complicações. O ser humano primitivo não adota a denominação formal de “ilusão de ótica”, mas aprende na prática a distinguir entre coisas que afetam apenas um sentido e coisas que afetam dois ou mais - se não o fizesse, não sobreviveria. Mas ambas as classes de coisas são reais para ele. *Percipi est esse*<sup>11</sup>.

Até então, o ser humano primitivo tinha feito observações reais do mundo ao seu redor e há coisas que despertam o interesse de apenas um sentido. Mas logo, a partir daí, surge uma confusão repleta de riscos, que podem ser desastrosos. Ele transita com naturalidade, graças à sua simplicidade mental, entre observações genuínas, mas não sentidas, para observações imaginárias, concedendo a ambas uma validade igual e secundária. Ele tem sonhos, visões, alucinações e pesadelos. Sonha que um inimigo o está espancando e acorda esfregando a cabeça. Depois, se lembra das coisas; isto é, para ele, todas são reais. Um grande chefe morreu outro dia e foi enterrado, mas ele ainda o vê em sua mente, o vê em sua pintura de guerra, esplêndido, vitorioso. Assim, a imagem do passado se junta a seus sonhos e visões para a criação desse outro mundo menos real, mas ainda assim real, seu outro mundo do suprasensível, do sobrenatural, um mundo cuja existência externa, independente de si mesmo, ele nunca questiona.

E, naturalmente, o futuro se associa ao passado nesse mundo suprasensível. O indivíduo pode ter esperança, pode imaginar, pode profetizar. E, mais uma vez, as imagens de suas esperanças são reais; ele as vê com o olho da mente que ainda não reconheceu com o olho do corpo. E assim o mundo suprasensível cresce e se torna grande com o presente invisível, e grande também com o passado e o futuro, repleto de fantasmas dos mortos e sombreado por oráculos e presságios. É esse mundo suprasensível e sobrenatural que é a eternidade, o outro mundo, da religião primeva, não uma infinidade de tempo, mas um estado removido da realidade sensorial plena, um mundo no qual tudo e qualquer coisa pode acontecer, um mundo povoado por ancestrais demoníacos e passível de uma esplêndida imprecisão, de uma “quimera” negada ao presente. Não é raro que as pessoas que sabem que o mundo atual obedece a leis fixas não tenham dificuldade em acreditar que, há seis mil anos, a humanidade descende diretamente de um pedaço de um homem feito de barro e que a mulher foi feita de uma das costelas supérfluas dele.

---

<sup>11</sup> NT – “*Percipi est esse*” ou “*esse est percipi*” é um princípio que foi defendido por George Berkeley, filósofo irlandês do século XVIII, que significa “ser é ser percebido”. Essa afirmação encapsula a visão de Berkeley de que a existência das coisas está intrinsecamente ligada à percepção delas por uma mente consciente.

A formação do mundo supracognitivo aparece muito claramente nas visões do ser humano primitivo sobre a alma e a vida após a morte. Herbert Spencer há muito tempo registrou a influência dos sonhos na formação de uma crença na imortalidade, mas, sendo ele próprio muito racional, estendeu ao ser humano primitivo uma qualidade de racionalidade bastante estranha. Herbert Spencer argumentou que quando um ser humano primitivo tinha um sonho, ele procurava explicá-lo e, ao fazê-lo, inventava um mundo espiritual. O erro aqui está na expressão “procurava explicá-lo”<sup>12</sup>. Inicialmente, o ser humano estava ocupado demais *vivendo* para ter tempo para *pensar* de forma desinteressada. Tinha um sonho e isso era real para ele. Não procurava explicá-lo, assim como não procurava explicar suas mãos e pés. Ele não era capaz de distinguir entre uma concepção e uma percepção, e isso é tudo. Se recordava de seus antepassados ou eles lhe apareciam em um sonho; portanto, eles ainda estavam vivos, mas, em geral, apenas até a terceira geração. Depois, não se lembrava mais deles e estes deixavam de existir.

Em seguida, no que diz respeito à sua própria alma. Ele experimentava algo dentro de si, seu poder vital, sua vontade de viver, seu poder de agir, sua personalidade - como quisermos chamá-la. Não era capaz de tocar esse algo que era ele mesmo, mas isso era real. Seu amigo está vivo e um belo dia está morto; não pode se mover, não pode agir. Bem, alguma coisa desapareceu do que outrora foi seu amigo. Ele parou de respirar. Foi sua respiração? Ou ele está sangrando; foi seu sangue? Esse poder vital é algo; será que vive em seu coração, em seus pulmões ou em sua barriga? Ele não as viu partir; talvez sejam como o vento, um *anima*, um *Geist*, um fantasma. Mas novamente este reaparece em um sonho, apenas mais sombrio; não é a vida do homem, é uma cópia tênue do ser; é uma “imagem” (*eidôlon*)<sup>13</sup>. É como aquela coisa distorcida e instável que acompanha os passos da pessoa viva à luz do sol; é uma “sombra” (*skia*)<sup>14</sup>.

Fantasmas e espíritos, culto aos ancestrais, a alma, oráculos, profecias; todos esses elementos do mundo supracognitivo primitivo nós admitimos de bom grado como sendo o material próprio da religião; mas outros elementos são mais surpreendentes; tais como nomes de classes, ideias abstratas, números, figuras geométricas. Hoje em dia, não

<sup>12</sup> O ser humano primitivo, como observou o Dr. Beck, não é impelido por uma *Erkenntnistrieb*. O Dr. Beck diz ter contado mais de 30 dessas *Triebe* (*tendências*) mitológicas com as quais o ser humano primitivo foi dotado.

<sup>13</sup> NT – *Eidôlon* do grego antigo εἶδωλον (*eidôlon*, “figura, representação”), de εἶδος (*eidos*, “visão”), de εἶδω (*eídō*, “eu vejo”). Dupla de *aidoru*, ídolo e *idolum* e relacionada à ideia.

<sup>14</sup> As duas concepções da alma, como uma essência vital, inseparável do corpo, e como um fantasma separável, parecem ocorrer na maioria dos sistemas primitivos. São concepções distintas, mas estão inextricavelmente misturadas no pensamento selvagem. As duas noções, *K'drperseele* e *Psyche*, foram discutidas detalhadamente em *Volkerpsychologie*, de Wundt, n. pp. 1-142, Leipzig, 1900.

pensamos nesses elementos como sendo de conteúdo religioso, mas para os humanos primitivos todos eles faziam parte da mobília de seu mundo sobrenatural.

Com relação aos nomes de classes, o Dr. Tylor<sup>15</sup> mostrou como são instrutivas as primeiras tentativas do ser humano primitivo de chegar à ideia de uma classe. Coisas em que se observa semelhança, e que de fato podem ser relacionadas, são para o primitivo um tipo de *parentesco*. Uma espécie é uma família ou um número de indivíduos com um deus comum para cuidar deles. Essa é, por exemplo, a doutrina finlandesa da *haltia*<sup>16</sup>. Todo objeto tem sua *haltia*, mas os *haltia* não são ligados aos indivíduos, eles se interessam por todos os membros da espécie. Cada pedra tem sua *haltia*, mas essa *haltia* está interessada em outras pedras; os indivíduos desapareciam, as *haltia* permaneciam.

Os nomes de classes também não pertenciam apenas ao mundo suprassensível. O nome próprio de uma pessoa é uma espécie de essência espiritual dela, um tipo de alma que deve ser cuidadosamente escondida. Ao pronunciar um nome, você traz a própria coisa à existência. Quando Elohim quis criar o Dia “ele chamou a Luz de ‘Dia’, e às Trevas ele chamou de ‘Noite’”; o grande mago pronunciou os Nomes mágicos e as Coisas passaram a existir. “No princípio era o Verbo” é literalmente verdadeiro, e isso reflete o fato de que nosso mundo *conceitual* passa a existir pelo processo mental de nomear<sup>17</sup>. Antigamente, as pessoas iam além; elas pensavam que, ao nomear os eventos, poderiam fazê-los acontecer, e o costume até hoje mantém o hábito mágico inveterado de desejar às pessoas “Bom dia” e “Feliz Natal”.

Os números também fazem parte do mundo suprassensível que é extremamente religioso. Podemos ver e tocar sete maçãs, mas o próprio sete, aquela coisa maravilhosa que se desloca de um objeto para outro, dando-lhe seu caráter setenário, aquela coisa viva, pois se gera novamente na multiplicação - certamente o sete é um habitante adequado do mundo superior. Originalmente, todos os números habitavam lá, e uma certa santidade suprassensível ainda se apega ao sete e ao três. Ainda dizemos “Santo, Santo, Santo” e, de alguma forma mística, nos sentimos mais santos.

A alma e o mundo suprassensível ficam cada vez mais tênues, mais raros e mais refinados, mas sempre deixam atrás de si nuvens de fumaça e vapor do mundo dos sentidos e do espaço de onde vieram. É difícil para nós, mesmo hoje em dia, usar a palavra “alma”

---

<sup>15</sup> *Primitive Culture*, Vol. n. p. 245 (4th edit.), 1903

<sup>16</sup> NT- Uma *haltija* (*haltia*) é um espírito, gnomo ou criatura semelhante a um elfo na mitologia finlandesa que guarda, ajuda ou protege algo ou alguém. A palavra é possivelmente derivada do gótico *haltijar*, que se referia ao colono original de uma propriedade, embora essa não seja a única etimologia possível. Também pode ser derivada do verbo finlandês *hallita*, que significa “governar”, “comandar”, “dominar”.

<sup>17</sup> Para uma discussão completa sobre esse ponto, consulte Beck, *Nachahmng*, p. 41, Die Sprache.

sem cair em uma mitologia sensual. A distinção nítida dos cartesianos entre *res extensa non cogitans* e *res cogitans non extensa* é remota<sup>18</sup>.

Assim, até agora, então, o ser humano, por meio dos processos de seu pensamento, teria criado para si um mundo suprassensível, o mundo da ilusão dos sentidos, da fumaça e da sombra, do sonho e do fantasma, da imaginação, do nome, do número e da imagem. O curso natural agora a partir daqui parece ser que esse mundo suprassensível se desenvolve no mundo religioso como o conhecemos, que a partir de um vago animismo com fantasmas de ancestrais, demônios e coisas do gênero, se desenvolvem, na devida ordem, deuses momentâneos (*Augenblicks-Götter*), deuses tribais, politeísmo e, finalmente, um monoteísmo puro.

Em geral, supõe-se esse curso de desenvolvimento, mas acho que não é bem isso que realmente acontece. O mundo suprassensível, tal como o percebemos até agora, é teórico demais para ser o material completo da religião. De fato, é apenas um fator, ou melhor, é como se fosse um corpo sem vida que espera que um espírito vivo o possua e o inspire. Se o fator teórico tivesse permanecido intocado, ele teria eventualmente se separado em seus elementos constituintes de erro e verdade. O erro morrendo como uma metafísica tardia, a verdade se desenvolvendo em uma psicologia correta e científica do subjetivo. Mas o ser humano tem rituais e também mitologia; isto é, sente e age, assim como pensa; ou melhor, provavelmente sente e age muito antes de pensar definitivamente. Isso contradiz todas as nossas noções preconcebidas de teologia. O ser humano, imaginamos, acredita em um deus ou deuses e depois os adora. A ordem real parece ser que, em um sentido a ser explicado no momento, ele adora, sente e age, e a partir de seu sentimento e ação, projetados em seu pensamento confuso, desenvolve um deus. Passemos, portanto, ao nosso segundo fator na religião: o ritual.

A palavra “ritual” traz à nossa mente moderna a noção de uma Igreja com um sacerdócio e serviços organizados. Instintivamente, pensamos em uma congregação que se reúne para confessar pecados, receber absolvição, orar, louvar, ouvir sermões e, possivelmente, participar de sacramentos. Se examinássemos esses fenômenos plenamente desenvolvidos, dificilmente chegaríamos mais longe na análise de nossas concepções religiosas do que a noção de um deus altamente antropomórfico abordado por métodos puramente humanos de súplica e adulação pessoal.

Além disso, quando começamos a estudar as religiões primitivas, esperamos, *a priori*,

---

<sup>18</sup> NT – Aqui a autora faz referência à visão do filósofo René Descartes (1596-1650), chamada “dualismo de substância”, que afirma que a mente e o corpo são duas substâncias diferentes. Enquanto o corpo é material (corpóreo), a mente é imaterial (incorpórea).

encontrar os mesmos elementos, embora em uma forma mais rude. Esperávamos ver “O pagão em sua cegueira curvando-se diante de madeira e pedra”, mas os fatos que realmente se nos apresentam são surpreendentemente diferentes. Curvar-se diante de madeira e pedra é uma ocupação que existe principalmente nas mentes dos escritores de hinos. O verdadeiro selvagem está mais ativamente engajado. Em vez de pedir a um deus que faça o que ele quer que seja feito, ele o faz ou tenta fazê-lo ele mesmo; em vez de orações, ele profere feitiços. Em suma, ele está ocupado praticando magia e, acima de tudo, está empenhado em dançar danças mágicas. Quando o primitivo quer chuva, vento ou sol, não vai à Igreja; convoca sua tribo e eles dançam a dança da chuva, do vento ou do sol. Quando um primitivo vai para a guerra, não devemos imaginar sua esposa de joelhos em casa orando por sua ausência; em vez disso, devemos imaginá-la dançando a noite inteira; não por mera alegria do coração ou para passar as horas cansativas; está dançando sua dança de guerra para lhe trazer a vitória.

Atualmente, a magia é condenada tanto pela ciência quanto pela religião; é inútil e ímpia. É obsoleta e só é praticada por feiticeiros malignos em buracos e cantos obscuros. Sem dúvida, a magia não é religião nem ciência, mas, com toda probabilidade, é o protoplasma espiritual do qual a religião e a ciência se diferenciaram. Como tal, a doutrina da evolução nos leva a examiná-la de perto. A magia pode ser maligna e privada; hoje em dia, é provável que seja as duas coisas. Mas, nos primórdios, a magia era tanto para o bem quanto para o mal; era praticada publicamente para o bem comum.

A essência da magia aparece mais claramente nas danças mágicas. Pensamos na dança como uma forma leve de *recreação*, praticada pelos jovens por pura alegria de viver e inadequada para os adultos. Mas entre os Tarahumares<sup>19</sup> do México, a palavra para dança, *nolávoa*, significa “trabalhar”. Os homens mais velhos repreenderão os jovens dizendo: “Por que você não vai trabalhar?”, ou seja, por que você não dança em vez de ficar apenas olhando. O principal pecado religioso do qual o Tarahumare tem consciência é o fato de não ter dançado o suficiente e não ter feito *tesgüino* suficiente, seu cereal intoxicante.

Dançar, então, é para os primitivos *trabalho*, é uma *ação*, e a dança é, em sua origem, uma simulação ou, talvez, uma intensificação dos processos de trabalho<sup>20</sup>. A repetição, regular e frequente, constitui o ritmo, e o ritmo aumenta o senso de força de vontade na ação. A ação rítmica pode até mesmo, como visto nas danças dos dervixes, produzir uma condição de êxtase. Entre os povos primitivos, o êxtase é uma condição muito valorizada; muitas vezes, embora nem sempre, é potencializado pelo uso de substâncias psicoativas.

---

<sup>19</sup> Carl Lumholtz, *Unknown Mexico*, p. 330, London, 1903.

<sup>20</sup> Karl Bücher, *Arbeit und Rhythmus*, Leipzig (3<sup>a</sup> ed.), 1902, passim.

Psicologicamente, o primitivo parte do senso de sua própria força de vontade e a estimula por todos os meios ao seu alcance. Sentindo sua determinação forte e sem saber nada sobre a lei natural, não reconhece limites para seu próprio poder; sente-se um mágico, um deus; não reza, deseja. Além disso, deseja coletivamente<sup>21</sup>, reforçado pela vontade e ação de toda a sua tribo. Verdadeiramente, pode-se dizer dele: “La vie débordé l'intelligence, l'intelligence c'est un retrécissement.”<sup>22</sup>

A ampliação mágica e o enaltecimento da personalidade aparecem muito claramente naquilo que, infelizmente, é conhecido como danças miméticas. As danças relacionadas a animais ocorrem com muita frequência entre os povos primitivos. Os dançarinos se vestem como pássaros, animais ou peixes e reproduzem os movimentos e hábitos característicos dos animais representados. Essa representação é tão característica na dança mágica que, entre os mexicanos, a palavra para magia, *navali*, significa “disfarce”<sup>23</sup>. Uma dança animal muito comum é a dança do sapo. Quando chove, os sapos coaxam. Se você deseja chuva, vista-se como um sapo, coaxe e pule. Consideramos essa performance como uma imitação consciente. Pensamos que o indivíduo é mais ou menos como um sapo. Não é assim que o primitivo pensa; na verdade, ele quase não pensa; o que *ele* quer que seja feito, o sapo pode fazer coaxando e pulando, então ele coaxa e pula e, por tudo o que pode, *torna-se* um sapo. “L'intelligence animale joue sans doute les représentations plutôt qu'elle ne les pense”<sup>24</sup>.

Entenderemos melhor esse estado primitivo da mente se estudarmos a criança “nascida em pecado”. Se uma criança está “brincando com leões”, não *imita* um leão, ou seja, não tenta conscientemente ser uma coisa mais ou menos parecida com um leão, ela se *torna* um. Sua reação, seu terror, é a mesma que teria se um leão de verdade estivesse ali. É esse poder infantil de personificação total, de *ser* a coisa que representamos ou até mesmo vemos representar, essa extensão e intensificação de nossa própria personalidade que vive no fundo de todos nós e é a própria sede e o segredo de nossa alegria no drama.

A mente de uma criança é, de fato, a melhor pista para a compreensão dessa magia selvagem. Uma criança jovem e cheia de vitalidade não conhece limites para sua própria vontade, e essa é a única realidade para ela. Não é que queira, desde o início, lutar contra outras vontades, mas simplesmente elas não existem para ela. Como o artista, ele parte para o trabalho de criação, gloriosamente sozinho. Sua atitude em relação a outras vontades

<sup>21</sup> O tema da alucinação coletiva como um elemento da magia foi totalmente trabalhado por MM. Hubert e Mauss. “Théorie générale de la Magie”, em L'Année Sociologique, 1902-3, p. 140.

<sup>22</sup> Henri Bergson, *L'Evolution Creatrice*, p. 50. NT – O texto em francês significa: “A vida transborda inteligência e a inteligência é limitada”.

<sup>23</sup> K. Th. Preuss, *Archiv f. lieligionswissenschaft*, 1906, p. 97.

<sup>24</sup> NT - A inteligência animal, sem dúvida, joga com representações ao invés de pensar nelas.

recalcitrantes é que “elas, simplesmente existem”. Se até mesmo uma pessoa adulta se intoxica, se apaixona ou é submetido a uma intensa excitação, as limitações da personalidade desaparecem novamente. Como a criança onipotente, ele volta a ser um deus, e para ele todas as coisas são possíveis. Somente quando está velho e cansado é que ele deixa de comandar o destino.

Os Iroqueses<sup>25</sup> da América do Norte têm uma palavra, *orenda*, cujo significado é mais fácil de descrever do que de definir, mas parece expressar a própria alma da magia. Essa *orenda* é seu poder de fazer coisas, sua força, às vezes quase sua personalidade. Uma pessoa que caça bem, tem muita e boa *orenda*; o pássaro tímido que escapa de suas armadilhas tem uma boa *orenda*. A *orenda* do coelho controla a neve e fixa a profundidade em que cairá. Quando uma tempestade está se formando, diz-se que o mágico está fazendo sua *orenda*. Quando você mesmo está furioso, grande é a sua *orenda*. As notas dos pássaros são expressões de sua *orenda*. Quando o milho está amadurecendo, os iroqueses sabem que é o calor do sol que o amadurece, mas sabem mais: é o cigala que faz o sol brilhar e ele faz isso cantando, pronunciando sua *orenda*. Essa *orenda* às vezes é muito parecida com o grego *θυμός*, sua vida corporal, seu vigor, sua paixão, seu poder, a virtude que está em você para sentir e fazer. Essa noção de *orenda*, uma espécie de *pan-vitalismo*, é mais fluida do que o animismo e provavelmente é anterior a ele. É a projeção da experiência interior do ser humano, vaga e não analisada, no mundo exterior.

O *mana* dos melanésios<sup>26</sup> é um pouco mais especializado - nem todos as pessoas possuem *mana* - mas, em essência, é a mesma ideia. *Mana* não é apenas uma força, é também uma ação, uma qualidade, um estado, ao mesmo tempo um substantivo, um adjetivo e um verbo. A ideia de santidade é muito próxima a ela. As coisas que têm *mana* são tabu. Assim como *orenda*, ele se manifesta em ruídos, mas especialmente em ruídos misteriosos: é *mana* que está fazendo barulho nas árvores. O *mana* é altamente contagioso, pode passar de uma pedra sagrada para um ser humano ou até mesmo para sua sombra se atravessar a pedra. “Toda a religião melanésia”, diz o Dr. Codrington, “consiste em obter *mana* para si mesmo ou fazer com que ela seja usada em benefício próprio”<sup>27</sup>.

Especialmente instrutiva é uma palavra em uso entre os Omaka<sup>28</sup>, *wazhin-dhedhe*, “energia diretiva, enviar”. Essa palavra significa mais ou menos o que deveríamos chamar

---

<sup>25</sup> Hewitt, *American Anthropologist*, iv. i. p. 32, 1902, N.S.

<sup>26</sup> Codrington, *The Melanésians*, pp. 118, 119, 192, Oxford, 1891.

<sup>27</sup> Codrington, *The Melanésians*, p. 120, Oxford, 1891.

<sup>28</sup> Ver Prof. Haddon, *Magic and Fetishism*, p. 60, Londres, 1906. O Dr. Vierkandt (*Globus*, julho de 1907, p. 41) acha que o Fernzauber é um desenvolvimento posterior do Nahzauber.

de telepatia, enviar seu pensamento ou força de vontade para influenciar outra pessoa e afetar sua ação. Aqui parece que temos uma luz sobre o que sempre foi um enigma, a crença na magia exercida à distância. Para a vontade primitiva, a distância é praticamente inexistente, seu desejo intenso se sente como não espacial<sup>29</sup>.

Por meio do exame do ritual primitivo, finalmente chegamos a um fator tangível e substancial na religião, uma experiência real e viva, o sentido, ou seja, a vontade, o desejo e o poder realmente experimentados pessoalmente pelo indivíduo e por ele projetados e estendidos para o resto do mundo.

Nesse estágio, pode-se perguntar com justiça, embora a pergunta não possa ser respondida com certeza, “em que ponto da evolução do ser humano surge essa experiência religiosa?”

Enquanto um organismo reagir imediatamente a um estímulo externo, com uma certeza e conformidade quase químicas, parece que não há lugar nem possibilidade para a experiência mágica. Mas quando surge o gérmen de um intelecto que pode prever um fim não realizado imediatamente, ou melhor, quando surge um desejo que sentimos e reconhecemos como não satisfeito, então surge o sentido da vontade e o impulso mágico para intensificar essa vontade. O animal, ao que parece, é preservado pelo instinto de atrair para seu horizonte coisas que não servem imediatamente para a conservação de sua espécie. Mas no momento em que o poder vital do ser humano começou a fazer exigências ao mundo exterior que não eram imediata e inevitavelmente realizadas em ação<sup>30</sup>, abriu-se uma porta para a magia, e no rastro da magia seguiram-se inúmeros erros, mas também a religião, a filosofia, a ciência e a arte.

O mundo de *mana*, *orenda* e *bráhman* é um mundo de sentimentos, desejos, vontades e ações. O elemento de pensamento que pode haver nele ainda não foi diferenciado. Mas já vimos que um mundo suprassensível de pensamento cresceu muito cedo em resposta a outras necessidades, um mundo de ilusões sensoriais, sombras, sonhos, almas, fantasmas, ancestrais, nomes, números, imagens, um mundo que só está faltando, por assim dizer, o

<sup>29</sup> Essa noção de *mana*, *orenda*, *wazhin-dhedhe* e similares continua viva entre os povos civilizados em palavras como *bráhman* védico na forma neutra, familiar para nós em sua forma masculina *Brahman*. O neutro, *bráhman*, significa poder mágico de um rito, um rito em si, fórmula, encanto, e também primeiro princípio, essência do universo. É primo próprio dos gregos *δύναμις* e *φύσις*. Veja MM. Hubert e Mauss, “Théorie générale de la Magie”, p. 117, em *L'Année Sociologique*, VII.

<sup>30</sup> Devo essa observação ao Dr. K. Th. Preuss. Ele escreve (*Archiv f. Relig.* 1906, p. 98): “A ênfase na vontade nos atos mágicos é o núcleo correto. De fato, o homem deve ter a vontade de atribuir habilidades especiais a si mesmo e ao seu ambiente, mas ele tem a vontade assim que seu intelecto o capacita a mostrar um cuidado consigo mesmo que vai além do instinto. Enquanto apenas o instinto o guiar, os atos mágicos não poderão surgir.” Para uma análise mais detalhada da origem da magia, consulte Dr. Preuss “*Ursprung der Religion und Kunst*”, *Globus*, LXXXVI. e LXXXVII.

impulso de *mana* para viver como uma religião. É provavelmente inútil perguntar qual dos dois mundos, o mundo do pensar ou o mundo do fazer, se desenvolveu primeiro<sup>31</sup>.

**É mais importante perguntar:** Por que esses dois mundos se unem? Porque, ao que parece, *mana*, o elemento egomaniaco ou megalomaniaco, não consegue se satisfazer com as coisas reais e, portanto, vai avidamente para um mundo falso, o outro mundo suprassensível cujo crescimento esboçamos. Essa junção dos dois é um fato, não uma fantasia. Entre todos os povos primitivos, pessoas mortas, fantasmas e espíritos de todos os tipos tornam-se o veículo escolhido de *mana*. Até hoje, às vezes, insiste-se que a religião, ou seja, a crença na imortalidade da alma, é verdadeira “porque satisfaz o desejo mais profundo da natureza humana”. Os dois mundos, de *mana* e magia, por um lado, e de fantasmas e outros mundos, por outro, combinam-se tão facilmente porque têm as mesmas leis, ou melhor, a mesma ausência comparativa de leis. Assim como no mundo dos sonhos e dos fantasmas, no mundo de *mana*, o espaço e o tempo não oferecem obstáculos; com a magia, todas as coisas são possíveis. Em um mundo, o que você imagina é real; no outro, o que você deseja é *ipso facto* realizado. Ambos os mundos são egocêntricos, megalômanos, repletos de vontade e desejo humanos desenfreados.

Todos nós nascemos em pecado, naquele pecado que para a ciência é “o sétimo e mais mortal”, o antropomorfismo, somos egocêntricos e egoprojetivos. Portanto, necessariamente criamos nossos deuses à nossa própria imagem. O antropomorfismo é frequentemente mencionado em livros sobre religião e mitologia como se fosse um último clímax, uma esplêndida conquista final no pensamento religioso. Primeiro, dizem, temos o objeto sem vida como deus (fetichismo), depois a planta ou o animal (fitomorfismo, teriomorfismo) e, por fim, Deus se encarna na forma humana divina. Essa maneira de colocar as coisas é enganosa. O antropomorfismo está no início de nossa consciência. A primeira conquista do pensamento do ser humano é perceber que existe algo que não seja ele mesmo, algum objeto para seu sujeito. Quando ele alcança essa distinção, ainda que vagamente, por muito, muito tempo ele só consegue pensar nessas outras coisas em termos de si mesmo; as plantas e os animais são pessoas com seus próprios modos, mais fortes ou mais fracos do que ele, mas, para todos os efeitos, humanos.

<sup>31</sup> Se os estímulos externos deixam nos organismos um traço ou registro como o conhecido como *Engrama*, essa base física da memória e, portanto, do pensamento é quase coincidente com a reação do tipo mais elementar. Veja o discurso presidencial do Sr. Francis Darwin para a Associação Britânica, Dublin, 1908, p. 8, e novamente Bergson coloca a memória na raiz da existência consciente, veja *L'Évolution Créatrice*, p. 18, *le fond même de notre existence consciente est mémoire, c'est à dire prolongation du passé dans le présent*, e novamente, *la durée mord dans le temps et y laisse l'empreint de son dent*, e novamente, *l'Évolution implique une continuation réelle du passé par le présent*.

Mais uma vez, a criança nos ajuda a entender nosso eu primitivo. Para as crianças, os animais são sempre pessoas. Você promete levar uma criança para passear de carro. A criança chega radiante com um urso peludo nos braços. Você diz que o urso não pode ir. A criança começa a chorar. Você acha que é porque a criança não suporta ficar separada de um brinquedo. Isso não é verdade. É a dor insuportável causada ao coração humano do urso - uma dor que não pode ser curada por nenhuma oferta de pãezinhos. Ele queria ir, mas era um urso tímido e orgulhoso, e não queria dizer isso.

A relação da magia com a religião tem sido muito contestada. De acordo com uma escola, a religião se desenvolve a partir **da magia; de acordo** com outra, embora elas acabem se misturando, são, no início, diametralmente opostas, sendo a magia uma espécie de ciência rudimentar e equivocada<sup>32</sup>, e a religião, desde o início, relacionada aos espíritos.

Mas, deixando a controvérsia de lado, no estágio atual de nossa investigação, a relação entre eles se torna, creio eu, bastante clara. A magia é, se minha visão<sup>33</sup> estiver correta, o elemento ativo que informa um mundo suprassensível criado para atender a outras necessidades. Essa mistura de teoria e prática é conveniente chamar de religião. Na prática, a transição da magia para a religião, do feitiço para a oração, sempre foi fácil. Enquanto a *mana* permanece impessoal, você a ordena; quando ela se personifica e ganha a forma de um homem crescido, você abandona o imperativo e se encolhe diante dela. *Que minha vontade seja feita é mágica, que vossa vontade seja feita é a última palavra em religião.* A disciplina moral envolvida na segunda é importante, mas o avanço intelectual não é surpreendente.

Falei sobre o ritual mágico como se ele fosse o espírito vital que informa, sem o qual a religião seria uma casca vazia. No entanto, a palavra ritual, como normalmente usada, não transmite à nossa mente essa noção de vitalismo intenso. Em vez disso, associamos o ritual a algo simples e seco, uma questão de forma prescrita e repetição monótona. A associação está correta; o ritual tende a se tornar cada vez menos influenciado pelo impulso vital, cada vez mais exteriorizado. O Dr. Beck<sup>34</sup>, em sua brilhante monografia sobre *Imitação*, enfatizou a influência quase ilimitada da imitação de um indivíduo por outro na evolução da civilização. A imitação é um dos principais estímulos à ação. A imitação gera o costume, o

<sup>32</sup> Esse ponto de vista defendido pelo Dr. Frazer está totalmente exposto em seu *Golden Bough* (2ª edição), p. 73-79, Londres, 1900. Ela é criticada pelo Sr. B. E. Marett em *From Spell to Prayer*, Folk-Lore, XI. 1900, p. 132, e também de forma muito completa por MM. Hubert e Mauss, "Théorie générale de la Magie", em *L'Année Sociologique*, VII. p. 1, com a visão do Sr. Marett e a do MM. Hubert e Mauss, com o qual concordo substancialmente.

<sup>33</sup> Essa visão, conforme explicada na pág. 508 (entre as marcações de azul), é, acredito, minha contribuição mais séria para o assunto. Ao pensar nisso, recebi grande ajuda do Prof. Gilbert Murray.

<sup>34</sup> *Die Nachahmung und ihre Bedeutung für Psychologie und Volkerkunde*, Leipzig, 1904.

costume gera a santidade. No início, todo costume é sagrado. Para o selvagem, é um dever religioso tanto se tatuar quanto sacrificar aos seus deuses. Mas certos costumes sobrevivem naturalmente, porque são realmente úteis; eles realmente têm bons efeitos e, portanto, não precisam de sanção social. Outros são realmente inúteis, mas o ser humano é conservador e imitativo demais para abandoná-los. Essas se tornam rituais. O costume é cauteloso, mas *la vie est aléatoire*<sup>35</sup>.

As observações do Dr. Beck sobre o ritual são, a meu ver, profundamente verdadeiras e sugestivas, mas com uma ressalva: elas são verdadeiras em relação ao ritual somente quando não são informadas pela experiência pessoal. Os próprios elementos do ritual sobre os quais o Dr. Beck dá tanta ênfase, a imitação, a repetição, a uniformidade e a coletividade social, foram considerados pela experiência de todos os tempos como tendo uma influência dupla - eles inibem o intelecto, estimulam e sugerem emoção, êxtase, transe. A Igreja de Roma sabe do que se trata quando prescreve a reza do rosário. Os cultos de mistérios e os sacramentos, descendentes diretos da magia, contêm todos ritos carregados de sugestões, símbolos, gestos, formulas pouco compreendidas, todo o aparato de apelo à emoção e à vontade - quanto mais ininteligíveis forem, melhor servirão ao seu propósito de inibir o pensamento. Assim, o ritual amortece o intelecto e estimula a vontade, o desejo e a emoção. “*Les opérations magiques...sont le résultat d'une science et d'une habitude qui exaltent la volonté humaine au-dessus de ses limites habituelles.*”<sup>36</sup> É essa experiência pessoal, essa exaltação, esse senso de revelação imediata e não intelectual, de unidade mística com todas as coisas, que sempre reabilita um ritual que, de outra forma, estaria moribundo.

Para resumir. O resultado de nosso exame das *origens* parece demonstrar que os fenômenos religiosos resultam de dois processos ilusórios - uma ilusão do intelecto não crítico, uma ilusão da vontade excessivamente confiante. A religião é, então, inteiramente uma ilusão? Acho que não<sup>37</sup>. Todo dogma que a religião produziu até agora é provavelmente falso, mas, apesar disso, o espírito religioso ou místico pode ser a única maneira de apreender algumas coisas, e essas são de enorme importância. Pode ser também que o conteúdo dessa apreensão mística não possa ser colocado na linguagem sem ser falsificado e distorcido, que tenha de ser sentido e vivido em vez de pronunciado e analisado

<sup>35</sup> Bergson, *op. cit.* p. 143.

<sup>36</sup> Eliphaz Levi, *Dogme et Rituel de la haute Magie*, 11. p. 32, Paris, 1861, and “A defence of Magic,” by Evelyn Underhill, *Fortnightly Review*, 1907. NT – “As operações mágicas (...) são o resultado de uma ciência e de um hábito que exaltam a vontade humana para além de seus limites habituais”

<sup>37</sup> Estou profundamente consciente de que o que digo aqui é uma opinião ou um sentimento meramente pessoal, sem apoio e talvez sem suporte da razão, e muito possivelmente sem valor, mas, por medo de mal-entendidos, prefiro afirmá-lo.

intelectualmente e, portanto, não se enquadre propriamente na categoria de verdadeiro ou falso, no sentido em que essas palavras são aplicadas a proposições; no entanto, pode ser algo para o qual “verdadeiro” seja a palavra mais próxima que existe e, muitas vezes, se não for necessário, pelo menos é altamente vantajoso para a vida. É por isso que o homem, por meio de uma série de mitologias e teologias mais ou menos grosseiramente antropomórficas, com seus rituais concomitantes, tenta reafirmá-las. Entretanto, não precisamos nos desesperar. A psicologia séria ainda é jovem e acaba de dar as mãos à fisiologia. Os estudantes de religião ainda são prejudicados por medievalismos como Corpo e Alma e pelas talvez não menos mitológicas segregações de Intelecto, Emoção e Vontade. Mas novos fatos<sup>38</sup> estão se acumulando, fatos sobre a formação e o fluxo da personalidade e as relações entre o consciente e o subconsciente. A qualquer momento, alguma grande imaginação pode saltar para a escuridão, tocar os lugares secretos da vida, revelar o mistério fundamental do casamento do espacial com o não espacial. Atrevo-me a pensar que é em direção à apreensão de tais mistérios, não apenas pela razão, mas por toda a personalidade do ser humano, que o espírito religioso, no curso de sua evolução por meio da magia antiga e do misticismo moderno, está sempre se movendo cega e persistentemente.

Seja como for, é pensando na religião à luz da evolução, não como uma revelação dada, não como um *fato real*, mas como um processo, e é somente assim, penso eu, que alcançamos um espírito de verdadeira paciência e tolerância. Talvez nós mesmos tenhamos aprendido laboriosamente algo sobre o funcionamento da lei natural, algo sobre as limitações de nossa vontade humana e, portanto, renunciamos à prática da magia. No entanto, aqueles que ocupam cargos elevados nos pedem para orar: “Santifique esta água para a lavagem mística do pecado”. Místico, nesse contexto, significa mágico, e não temos lugar para um deus-mágico: a oração é, para nós, sem sentido, irreverente. Ou ainda, depois de muito trabalho, deixamos, ou esperamos ter deixado de pensar antropomorficamente. Ainda assim, somos convidados a oferecer agradecimentos formais a Deus por uma refeição de carne cuja santidade é a última sobrevivência do sacrifício de touros e bodes ao qual ele renunciou. Esse ritual confunde nosso intelecto e não consegue despertar nossa emoção. Mas, para outros, esse ritual, mágico ou antropomórfico como é, está carregado de impulso emocional, e outros, um número ainda maior, pensam que agem pela razão quando, na verdade, estão hipnotizados pela sugestão e pela tradição; seus pais fizeram isso ou aquilo e, a todo custo, eles devem fazê-lo. Foi bom que o ser humano primitivo, em sua juventude,

---

<sup>38</sup> Consulte os Anais da *Society for Psychical Research*, Londres, passim, e especialmente os volumes VII.-XV. Para uma valiosa coleção de fenômenos do misticismo, consulte William James, *Varieties of Religious Experience*, Edinburgh, 1901-1922.

tivesse de suportar o jugo do costume conservador; do pescoço de cada pessoa esse jugo cairá, quando e porque ele o tiver superado. A ciência nos ensina a aguardar esse momento com sua própria paciência interior e permanente. Essa paciência, essa gentileza, podemos muito bem procurar praticar no espírito e na memória de Darwin.

***Apoio:*** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

***Conflito de interesses:*** O tradutor declara não haver conflito de interesses.

***Recebido em:*** 03-04-2025.

***Aprovado em:*** 04-04-2025.

***Editor de seção:*** Flávio Senra